

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

28

Março de 1969

Ano IV

Sob a Bandeira do Internacionalismo Proletário

Transcorrem, neste mês de março, o cinquentenário da fundação da III Internacional e o quadragésimo sétimo aniversário da criação do P. C. do Brasil. São dois acontecimentos que os comunistas e todos os elementos revolucionários de nosso país comemoram e consideram da maior significação ideológica e política.

A Internacional Comunista, surgida sob a inspiração e direção de Lênin e, após, a sua morte, conduzida por Stálin, foi produto da luta sem quartel do marxismo revolucionário contra o oportunismo e o velho revisionismo. Sua missão foi a de lutar pela vitória das idéias da ditadura do proletariado e do socialismo, pela derrubada do capitalismo. Contribuiu para a formação dos partidos de novo tipo que se diferenciavam radicalmente dos degenerados partidos social-democratas que se haviam colocado a serviço da burguesia. Tinha em vista fortalecer a aliança internacional dos partidos que dirigem o movimento mais revolucionário da história da humanidade — o movimento da classe operária — sobre a base da União Soviética, então a primeira república proletária da História que levava a prática a palavra-de-ordem mais importante do marxismo e do socialismo: a ditadura do proletariado.

Após mais de duas décadas de lutas, a III Internacional, em 1943, resolveu cessar suas atividades. Sua tarefa estava cumprida. Para aquilatar de seus méritos ante o movimento operário e comunista, basta atentar para o ódio que a ela devotam os imperialistas, os reacionários e os revisionistas contemporâneos.

O P. C. do Brasil, nascido sob a influência da Grande Revolução Socialista de Outubro e fruto das necessidades da luta do proletariado brasileiro, desde o início de suas atividades, aderiu aos princípios e ao Programa da I.C.. É, pois, sob o signo do internacionalismo proletário e do marxismo-leninismo que o P. C. do Brasil tem atravessado todos esses anos de sua existência.

Os camaradas que fundaram o Partido tiveram um mérito histórico: compreenderam que os interesses e as lutas do proletariado e do povo brasileiro eram parte inseparável dos interesses e das lutas do proletariado e das massas oprimidas de todo o mundo. Por isso, uma das características fundamentais dos comunistas brasileiros é a fidelidade sem limites a causa do internacionalismo proletário e a defesa desse princípio contra todas as manifestações, abertas ou encobertas, de nacionalismo burguês. Essa fidelidade foi uma das razões determinantes que levaram os revolucionários comunistas a desmascarar a traição do revisionismo contemporâneo e a romper com o grupo de Prestes.

Hoje, quando a revolução mundial entrou numa época nova e grandiosa, os comunistas do Brasil vem na solidariedade e na luta comum do proletariado e dos povos oprimidos contra o imperialismo yanque, o revisionismo soviético e todos os reacionários uma das con-

(Continua na página seguinte)

LEIA NESTE NÚMERO:

* O P. C. do Brasil condena as provocações contra a China

* Nada salvará a ditadura (Comentário Nacional)

* A confabulação soviético-norte-americana

* A revolução mundial entrou em uma grandiosa nova era

dos revisionistas soviéticos

contra a China Popular

contra a China Popular

contra a China Popular

CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Pag. 3

Pag. 5

Pag. 6

Retorno às Aulas e às Lutas

O ano de 1968 foi de lutas intensas e agudas. Forneçeram valiosas experiências a serem generalizadas. Saindo às ruas em poderosas demonstrações de massa, particularmente após o assassinio do estudante Edson Luís, os estudantes revelaram seu ódio a opressão e seu desejo de liberdade, apanágio da juventude. Repudiaram, nas lutas de massas, o oportunismo dos que queriam frear o movimento sob o pretexto de que a ditadura era forte, possuía o exército e as massas estavam desarmadas, assim como as teses trotskistas e aventureiras que negavam o papel das massas, preferiam confiar nos pequenos "grupos seletos de combatentes" e queriam lutar contra todos os inimigos, pela vitória, agora, da revolução socialista.

"Abaixo a ditadura militar". "Fora com os ianques". "Liberdade para os presos políticos!" "Viva a guerra popular". Estas as palavras-de-ordem predominantes nos grandes movimentos de massa. Assim, os estudantes souberam concentrar o fogo de suas lutas no imperialismo ianque e na ditadura militar, unir mais ainda suas fileiras e reforçar a frente única dos que se opõem a atual situação vigente no país. Não obstante os esforços da reação, as organizações estudantis saíram mais fortes e prestigiadas.

As poderosas demonstrações de massas do ano passado, em particular as passeatas de 100.000 pessoas na Guanabara e as combativas demonstrações de Fortaleza, Curitiba e outras cidades, evidenciaram que as lutas do povo brasileiro entraram em uma nova fase. As vigorosas ações iniciadas pelos estudantes e as quais aderiram as massas populares, demonstraram que os estudantes jogam um grande papel na mobilização de outros setores do povo. Respondendo à violência da reação com a violência revolucionária, as massas populares, encabeçadas pelos estudantes, demonstraram seu ódio e sua disposição de combater arduamente as forças repressivas da ditadura.

Cada vez mais isolada e apavorada diante do crescimento do movimento estudantil, a ditadura militar, a par de uma desenfreada demagogia, investe furiosamente contra os estudantes e suas organizações. Apoiado no AI-5, acaba de publicar um novo decreto fascista. Com base nele, expulsa e suspende milhares de estudantes. Fecha diretórios, prende, espanca, tortura líderes estudantis. Tenta, desesperadamente, transformar, ameaçando de duras punições, professores e funcionários em delatores e dedos-duros. Insulta ferozmente a cultura.

Entretanto, os estudantes não se assustam. Como diz o Comitê Central do PC do Brasil, em seu "Manifesto ao Povo", "A mocidade já previu que não tem medo dos militares". O movimento estudantil, mesmo durante as férias escolares, avança e luta. Responde à altura à insolência dos militares fascistas. Passeatas na Guanabara, mobilização de universitários e vestibulandos no Ceará, Rio Grande do Sul, Guanabara, São Paulo e outras cidades, passeata no Piauí, luta pela retomada do CRUSP, em São Paulo. Estas manifestações são como as primeiras andorinhas que anunciam a primavera. Não há dúvida que o novo decreto fascista da ditadura terá o mesmo destino da Lei Suplicy e do decreto Aragão: será lançado ao lixo da história, junto com seus criadores.

"Estudantes! Prossegui em vossa destemida luta contra a ditadura militar e o imperialismo ianque. A nação se volta cheia de esperanças para a sua juventude". Esse apelo do Comitê Central do Partido será ouvido pelos estudantes. Ampliando e radicalizando as lutas os estudantes obtiveram importantes vitórias no ano que passou. O ano em curso prenuncia-se ainda mais alvissareiro. As escaramuças já travadas em 1969 demonstram que as massas iniciam suas lutas e que poderosas demonstrações populares terão curso no ano corrente.

Apoiando-se nas experiências do ano passado e adaptando suas palavras-de-ordem, formas de luta e de organização às novas condições, os estudantes darão maior contribuição à luta geral do povo brasileiro contra a ditadura e o imperialismo.

A volta às aulas deve significar, também, o retorno às lutas.

(Continuação da 1ª página)

dições essenciais para a conquista da vitória de sua luta pela emancipação nacional e social do povo brasileiro.

A luta atual dos marxistas-leninistas é a continuação da grande batalha travada por Lênin e Stálin à frente da III Internacional contra todas as concepções errôneas, anti-proletárias, pela vitória dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. Como no passado, o P. C. do Brasil tem inscrito em suas bandeiras de combate o princípio internacionalista: PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS.

O PC do Brasil Condena as Provocações dos Revisionistas Soviéticos contra a China

Mensagem do Comitê Central do P.C. do Brasil ao Comitê Central do P.C. da China

Ao Camarada Mao Tse-tung
Ao Comitê Central do Partido Comunista da China

Queridos camaradas.

Foi com enorme indignação que os revolucionários proletários e as forças progressistas brasileiras tomaram conhecimento dos ataques que as tropas revisionistas soviéticas desfecharam contra o território, os soldados e o povo da China, na zona fronteiriça do rio Ussuri.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil vem expressar, em nome de todos os comunistas, sua veemente condenação a essas provocações armadas e, ao mesmo tempo, manifestar, por vosso intermédio, ao grande povo chinês, sua irrestrita solidariedade a luta que trava em defesa da integridade territorial e da soberania de seu país.

As atuais ações agressivas dos revisionistas de Moscou contra a China Popular não constituem um fato casual. São produto da traição do bando dirigente revisionista soviético a causa do socialismo e do internacionalismo proletário. Decorrem da conversão da União Soviética, de país socialista, numa potência imperialista, agressiva e fascista. Resultam da continuação de sua política contra-revolucionária, anticomunista e antichinesa, que visa, em conluio com os imperialistas ianques, cercar e atacar a China Popular e repartir o mundo em esferas de influência. Refletem, em suma, as profundas contradições internas e externas que decompõem o revisionismo soviético e o colocam numa situação de desespero.

Imbuídos de chauvinismo de grande potência e cheios de ódio à nova China, os renegados revisionistas soviéticos menosprezam arrogantemente o povo chinês, subestimam sua força e julgam poder voltar a espezinhá-la, diidí-la e submete-la novamente, como fizeram no passado a Rússia dos Tzares e as outras potências imperialistas. Entretanto, a China de hoje não é mais a mesma nação dilacerada e enfragüecida de outrora. A China de hoje é uma nação socialista cujos 700 milhões de filhos estão solidamente unidos sob a direção do glorioso Partido Comunista da China e de seu sábio e firme timoneiro, o camarada Mao Tse-tung. É o imenso país da vitoriosa Grande Revolução Cultural Proletária, que varreu, como um furacão, com os principais restos das classes exploradoras derrotadas e seus agentes infiltrados no Governo e no Partido. É a poderosa e inexpugnável fortaleza onde tremula triunfante a bandeira vermelha do pensamento de Mao Tse-tung, o marxismo-leninismo de nossa época, a potente base revolucionária sobre a qual podem apoiar-se todos os povos oprimidos que lutam por sua libertação nacional e social.

Por isso, o ataque armado dos revisionistas soviéticos à ilha de Quem-Pao recebeu o merecido castigo do povo chinês. Milhões e milhões de operários, camponeses e soldados chineses se levantam em cólera e, juntos com as forças revolucionárias e as massas oprimidas de todo o mundo, condenam os agressores, os advertem e conclamam o povo soviético e os bolchevistas fiéis aos ensinamentos de Lênin e Stálin a porem um paradeiro aos crimes do bando de Breznev e Kossiguin. O povo chinês demonstrou que não teme aos revisionistas, nem aos imperialistas ianques e demais reacionários. Por mais que brandam suas bombas atômicas, seus foguetes balísticos e suas ameaças, o povo chinês, armado com o pensamento de Mao Tse-tung, esmagará quantas provocações forem feitas contra seu território e acabará por derrotar, total e definitivamente, todos os seus inimigos.

Estejam certos, queridos camaradas, que o povo brasileiro, que luta sob as terríveis condições de uma ditadura militar para libertar-se do jugo do imperialismo ianque e de seus sustentáculos internos, simpatiza com a vossa causa. E que os comunistas brasileiros tudo farão para esclarecê-lo e mobilizá-lo para a indispensável frente única mundial dos povos contra os imperialistas ianques e seus aliados, os renegados revisionistas soviéticos, inimigos comuns da democracia, da independência nacional, do socialismo e da paz.

Rio de Janeiro, 10 de março de 1969

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Nada Salvará a Ditadura

Não obstante prosseguir na exacerbada aplicação de suas medidas entreguistas e liberticidas, a ditadura militar vem empreendendo intensa campanha publicitária sobre os resultados de seu "programa" e das "atividades" do governo de Costa e Silva, assim como voltou ao tema do objetivo "democrático" do golpe de abril.

Evidentemente, o escopo principal da ditadura é a indispensável "limpeza da área", ou melhor, subjugar a ferro e fogo o movimento democrático e antiimperialista, impedir, pelo uso da violência desenfreada, qualquer crítica, protesto ou ação das massas contra o regime militar instaurado desde abril de 1964. Para isso, a ditadura prossegue em sua faina implacável: cassações de mandatos e direitos políticos, aposentadorias compulsórias, expulsões e suspensões maciças de estudantes e professoras, prisões e torturas, perseguições indiscriminadas, arrocho salarial, censura draconiana a imprensa e a atividade artística e cultural. Para isso, elabora e decreta toda uma legislação de cunho tão fascista como jamais se teve notícia no país.

Através da publicidade — forçada, cara e mistificadora — os generais no Poder tentam persuadir o povo de que a situação do Brasil vai as maravilhas, que não há razão para dar ouvidos aos subversivos, aos opositoristas. Segundo eles, uma das debilidades da "obra" que estão realizando é a falta de informação. Daí a aparatosa propaganda, a obrigatoriedade dos meios de divulgação (terem) de anunciar as "benemerências" e o "esforço" dos novos anjos tutelares, enaltecer as figuras sinistras e grotescas dos atuais algozes do povo.

E com as reafirmações das finalidades democráticas do golpe de 1º de abril, pretendem os militares fascistas acalmar certos setores das classes dominantes, entre os quais corifeus da própria ditadura pró-ianque (é o caso do jornal "O Globo", do Rio), que se mostram preocupados pelo fato de não oferecer alternativa, a não ser a da simples ação repressiva. Entendem tais círculos que seria necessário que os generais falassem na possibilidade de o país pelo menos retornar a democracia de fachada sem os excessos repressivos atuais.

Ao bater na tecla da democracia, a ditadura visa ainda a reabrir negociações com a chamada classe política, marginalizada, para encarregá-la da busca de fórmulas milagrosas que ajustem as contradições entre a infra-estrutura econômica com a superestrutura jurídica e política capaz de salvaguardar os interesses da minoria de latifundiários e grandes burgueses aliados dos imperialistas norte-americanos. Ou, como deixaram entrever: a fórmula que concilie o interesse da segurança nacional, conforme o figurino imposto pelo Pentágono, com certas concessões e regalias a "classe política", sempre pronta a servir aos opressores do povo.

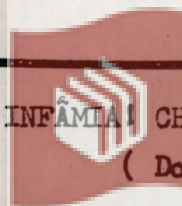
Com a conversa fiada sobre democracia, os governantes militares querem, sobretudo, criar ilusões de que um dia, voluntariamente, abandonarão as alturas e os privilégios do Poder, para entregá-lo aos legítimos representantes do povo.

Tudo isso é inútil. Podem os generais fascistas fazer a demagogia e as manobras que quizerem. Não conseguirão, com elas, enganar o povo, como não conseguiram, com suas espadas de carrascos, amedrontá-lo. São alentadores os sinais de que por toda parte as forças populares se rearticulam e vão encontrando novas formas de resistência para retomar o caminho da ofensiva a fim de derrubar a ditadura militar e liquidar a dominação do imperialismo ianque. Há informações de vários recantos do país dando conta de que os estudantes e a intelectualidade, os operários, os camponeses e elementos progressistas e patriotas de outras camadas sociais, começam a manifestar-se abertamente por seus direitos e por suas legítimas aspirações nacionais e democráticas.

Por mais que os generais fascistas procurem fazer boa cara ao mau tempo, as dificuldades com que se defrontam e a crise em que se debatem não podem ser superadas. Ao passo que a resistência das massas é inevitável e tende a crescer, até tornar-se avalanche.

Nada salvará a ditadura.

"BASTA DE TANTOS CRIMES E DE TANTA INFÂNCIA! CHEGA DE GENERAIS FASCISTAS!"
(Do "Manifesto Ao Povo" O Trabalho)



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Anísio H. Jobim

Panorama
Internacional

A Confabulação Soviético-Norte-Americana contra a China Popular

Após constantes e numerosas provas de hostilidade contra a China Popular, a camarilha de renegados revisionistas soviéticos passou ultimamente a realizar atos abertos de provocação armada contra o glorioso povo chinês. Aos olhos desse bando de traidores do povo soviético e do socialismo, a China Popular converteu-se, de verdadeira amiga e aliada, em inimiga. E as terras fronteiriças, que o tzarismo russo tomou pela força, e que desde a vitória da revolução chinesa deviam ter sido devolvidas a China, servem agora de pretexto para a campanha antichinesa por parte dos revisionistas soviéticos.

Tais agressões demonstram claramente que a situação da União Soviética se deteriora rapidamente e que seus atuais dirigentes, em desespero, buscam uma saída ainda mais traiçoeira e aventureira para a crise em que se acham atolados. Pretendem, juntos com o imperialismo norte-americano, abafar pela força a luta revolucionária dos povos e repartir o mundo. E como a China Popular é a mais poderosa nação socialista que se opõe a esses planos hegemônicos e contra-revolucionários, os revisionistas soviéticos participam ativamente de uma monstruosa conspiração para isola-la, cercá-la e agredí-la.

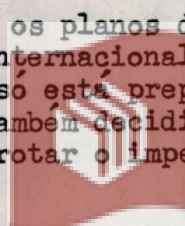
Os povos não se deixarão enganar nem pela propaganda nem pelas manobras da camarilha de renegados que se apoderou do governo da União Soviética. Ao contrário, compreendem que por trás das vociferações antichinesas e das altissonantes declarações de "defesa do socialismo" e de "luta contra o imperialismo", os revisionistas soviéticos tentam, na realidade, ganhar as boas graças dos imperialistas ianques e de todos os reacionários, inspirá-los confiança na política anticomunista que adotaram, e demonstrar que querem, acima de tudo, pactuar com eles uma "santa aliança" contra os povos, contra a revolução e contra a China.

Por isso, a própria imprensa da reação viu-se obrigada a concordar que o ataque armado dos revisionistas soviéticos a fronteira chinesa do rio Ussuri tinha precisamente o sentido de deslocar para a China Popular o centro da ação conjunta soviético-norte-americana e mostrar aos imperialistas ianques e seus lacaios que o bando de renegados revisionistas soviéticos está disposto a ir as últimas consequências em sua traição aos interesses de seu próprio povo e dos demais povos do mundo.

Em política, os fatos é que contam. E são os fatos que denunciam e desmascaram a forma cada dia mais fraudulenta e criminoso como se comportam e agem os revisionistas soviéticos para alcançar um acordo em "nível superior" e "mais firme" com os Estados Unidos contra a revolução e contra a China Popular. Veja-se, por exemplo, o desfecho da recente "questão" de Berlim Ocidental, levantada com tanto alarde por Moscou e que, repentinamente, saiu da ordem-do-dia sem explicações. Ou atente-se para a conduta do grupo de Breznev e Kossiguin em face da guerra no Vietname e se comprovará que a idéia da barganha soviético-norte-americana contra o povo vietnamita está sendo posta em prática. Examine-se ainda os textos da mensagem dos governantes revisionistas soviéticos a Conferência do Desarmamento, em Genebra, ou da última resolução do Pacto de Varsóvia, para perceber as intenções reais dessa corja de renegados.

De sua parte, os imperialistas ianques tornam cada vez mais claro o sentido anti-chinês de sua política reacionária, agressiva e de domínio mundial. O presidente Nixon, após a viagem que fez a Europa e em seguida a sua decisão de construir nos Estados Unidos um sistema balístico antimissil, afirmou que a China Popular era o inimigo comum tanto das classes dirigentes norte-americanas como dos revisionistas soviéticos. Naturalmente, também ele procura encobrir a política dos monopolistas ianques com frases de paz e declarações de "defesa do mundo livre contra o comunismo". Mas, o imperialismo norte-americano é o inimigo jurado dos povos e não consegue facilmente disfarçar-se. Por isso, vê com satisfação o jogo dos revisionistas soviéticos e finge neutralidade. Entretanto, a aliança com os revisionistas soviéticos, contra a revolução e a China, é atualmente o grande objetivo acalentado por Nixon e pelos seus amos.

Por mais que se esforcem, no entanto, os planos dos revisionistas soviéticos e dos imperialistas ianques fracassarão. A situação internacional é cada vez mais favorável à luta revolucionária dos povos. A China Popular, não só está preparada para enfrentar o conluio dos bandos revisionistas e imperialistas como também decidida a unir-se aos demais povos e nações oprimidos e lutar conjuntamente para derrotar o imperialismo ianque, o revisionismo soviético e as demais forças reacionárias.



A Revolução Mundial Entrou em uma Nova Era

(Parte do artigo publicado pela revista Pequim Informa, nº 1, de janº/1969)

Nosso grande líder, o Presidente Mao, assinala: "A revolução mundial entrou em uma grandiosa nova era". O desenvolvimento da situação internacional no decorrer do ano passado demonstrou cabalmente a sabedoria e justiça desta conclusão científica feita pelo Presidente Mao.

Desenvolvimento impetuoso dos movimentos revolucionários dos povos do mundo

1968 foi um ano de vigoroso desenvolvimento dos movimentos revolucionários dos povos de todo o mundo.

A Grande Revolução Cultural Proletária da China conquista a vitória decisiva. O povo albanês avança valentemente pelo caminho da vitória. No decorrer do ano passado, a Grande Revolução Cultural Proletária da China, que estremece o mundo, alcançou magnífico e decisivo triunfo. Exerce, na arena internacional, uma influência cada vez maior e de longo alcance. O invencível pensamento de Mao Tse-tung difundiu-se de forma ainda mais ampla por todas as partes do mundo. A China explodiu outra bomba de hidrogênio, realizando assim, com êxito, uma nova prova termonuclear. Isto constitui nova grande vitória do pensamento de Mao Tse-tung e outro excelente fruto da Grande Revolução Cultural Proletária. O povo albanês, sob a direção do seu grande líder, o camarada Enver Hodja, continuou desenvolvendo em profundidade seu movimento de revolucionarização e conquistou novos êxitos brilhantes na revolução e na construção socialista e na sua luta contra o imperialismo e o revisionismo. Na Ásia, África e América Latina, os movimentos revolucionários nacional-democráticos continuaram avançando e as chamas da luta armada revolucionária arderam cada vez mais violentamente. Os movimentos revolucionários de massa na Europa, América do Norte e Oceania surgiram uns após outros, incessante e tempestuosamente. Ao convergir, estas duas torrentes gigantescas da luta revolucionária assestaram ao velho mundo golpes cada vez mais duros. Os autênticos partidos e organizações marxistas-leninistas nos países capitalistas se temperaram na luta e engrossaram constantemente suas fileiras. Nos países em que os revisionistas contemporâneos usurparam o poder estatal, os povos revolucionários se levantaram em luta contra a dominação das camarilhas revisionistas.

"Os quatro mares se agitam, se enfurecem águas e núvens;
cinco continentes palpitam, o vento e o trovão rugem".

Assim dizem os versos de um dos poemas do Presidente Mao. Ao olhar o mundo de hoje, se vê uma situação revolucionária excelente.

A revolução nacional-democrática desenvolve-se profundamente na Ásia, África e América Latina. As chamas da luta armada dos povos ardem com fúria. A Ásia, a África e a América Latina constituem hoje o principal centro da tempestade da revolução mundial que assesta golpes diretos no imperialismo. No ano passado, as lutas armadas populares obtiveram novos progressos nestas vastas regiões. Ao conquistar grandes vitórias no campo de batalha, o povo vietnamita golpeou fortemente os agressores ianques e os lançou num atoleiro. No Laos, os militares e civis patriotas aniquilaram grandes efetivos inimigos e ampliaram as regiões libertadas. No sudeste da Ásia em seu conjunto, a luta armada dos povos estendeu-se por todas as partes. As forças armadas populares da Tailândia e da Birmânia cresceram nos combates contra as campanhas de "cerco e aniquilamento" lançadas pelo inimigo. São frequentes as notícias sobre as vitórias da luta armada dos povos da Indonésia, Malaia e Filipinas. Na Ásia ocidental, os povos árabes empunharam as armas para lutar contra a agressão do imperialismo ianque e seus lacaios israelenses. Os inimigos aterrorizaram-se ao ouvir o nome das guerrilhas palestinas, valentes e hábeis no combate. Na África, os povos revolucionários da Guiné "Portuguesa" (Bissau), Angola, Moçambique e Congo (K), depois de superar toda sorte de dificuldades, continuaram empenhando-se em sua luta armada. Em algumas zonas, foram registrados notáveis progressos. Para combater a dominação colonial na Rodésia do Sul, o povo do Zimbábue abriu nova frente de luta armada. Na América Latina, as forças armadas populares de alguns países persistiram em sua luta. As chamas da luta armada dos povos arderam furiosamente nas vastas terras da Ásia, África e América Latina. Este é um sinal do profundo desenvolvimento dos movimentos revolucionários nacional-democráticos.

Em 1968, o movimento popular registrou novos progressos em vários países da Ásia e da América Latina. A luta patriótica travada pelo povo japonês contra o imperialismo norte-americano manteve seu ímpeto, avançando em ondas e assestando golpes fortes nos reacionários ianques e japoneses. O movimento de massas dos estudantes japoneses contra o podre sistema educacional e a repressão fascista continuou em ascenso. Na América Latina, o movimento estudantil e as lutas operárias e camponesas reuniram suas forças no México, Brasil, Chile, Argentina, Uruguai, Bolívia, Perú, etc. para converter-se numa nova tormenta poderosa contra o imperialismo ianque e a dominação ditatorial.

Os povos da Europa e da América do Norte empreendem lutas heróicas. Os movimentos revolucionários de massas se levantam como tempestades impetuosas. A irrupção dos grandes movimentos revolucionários de massas na Europa e na América do Norte — coração do imperialismo — representa um importante desenvolvimento da situação revolucionária mundial. Na primavera de 1968, as chamas ateadas pela luta dos negros norte-americanos contra a repressão violenta se estenderam instantaneamente a cerca de 170 cidades dos Estados Unidos, demonstrando a existência latente, nos negros norte-americanos, que são mais de 20 milhões, de uma força revolucionária extremamente poderosa. Em sua declaração de 16 de abril de 1968 em apoio a luta dos negros norte-americanos contra a repressão violenta, o nosso grande líder, o Presidente Mao, assinalou que a luta dos negros norte-americanos é "um novo toque de clarim para o combate de todo o povo estadunidense explorado e oprimido contra a bárbara dominação da burguesia monopolista". Esta declaração, de grande significação histórica, estimulou grandemente a luta do povo norte-americano e dos povos dos demais países capitalistas. Em maio do ano passado, irrompeu, na França e em outros países da Europa Ocidental e da América do Norte, uma grande tempestade de luta revolucionária de massas, em escala e intensidade jamais vistas durante decênios nessas regiões. Dezenas de milhões de operários, estudantes, camponeses e pessoas de outros setores sociais empenharam-se em valorosas lutas contra a dominação reacionária da burguesia monopolista. Dirigiram seus ataques contra o podre sistema capitalista, açoitando violentamente a burguesia monopolista internacional. A tempestade deste movimento revolucionário de massas continua avançando. Há pouco, registrou-se um novo ascenso de luta das massas populares na França, Itália, Alemanha Ocidental, Inglaterra, Espanha, Estados Unidos e outros países. Isso demonstra que o movimento popular na Europa e América do Norte não pode ser paralizado por nenhuma força.

Os povos da União Soviética e de vários países da Europa Oriental estão despertando cada dia mais e avançam mantendo bem alta a flama revolucionária contra a dominação revisionista. O ano de 1968 foi testemunha do desenvolvimento da luta travada pelos povos da União Soviética e de vários países da Europa Oriental contra a dominação reacionária das camarilhas revisionistas contemporâneas. Esta luta é parte importante do movimento revolucionário popular do mundo atual. A renegada camarilha revisionista soviética, que acompanha o imperialismo ianque, desempenhando o papel de "corpo de bombeiros" internacional, deu-se conta de que o vulcão sob os seus pés começou a fumar. A luta de classes dentro da União Soviética aguçou-se. Os volantes revolucionários distribuídos pelo "Grupo Stálin", e que conclamavam o povo soviético a combater pelo restabelecimento da ditadura do proletariado, iluminaram como relâmpagos o escuro céu da União Soviética. Na Polónia, o revolucionário Partido Comunista da Polónia dirigiu o povo em sua luta ativa contra o revisionismo contemporâneo. Na Tchecoslováquia, o povo oprimido e escravizado levantou-se com indignação para combater a agressão social-imperialista dos revisionistas soviéticos e a dominação da camarilha renegada revisionista tchecoslovaca. Tudo isto indica o novo despertar dos povos sob a dominação das camarilhas revisionistas contemporâneas. Demonstra que os revisionistas contemporâneos, tendo a frente a renegada camarilha revisionista soviética, se rão, da mesma forma que os imperialistas e os reacionários de todos os países, varridos pelas correntes revolucionárias dos povos do mundo.

O imperialismo, o revisionismo e os reacionários, acossados por dificuldades internas e externas, encontram-se em um beco sem saída

O ano passado revelou um acentuado declínio dos imperialistas encabeçados pelos Estados Unidos, dos revisionistas contemporâneos acaudilhados pela renegada camarilha revisionista soviética, e dos reacionários dos diversos países. Minados por múltiplas contradições, suas fileiras começaram a desintegrar-se. E, acossados por dificuldades tanto internas como externas, entraram num beco sem saída e dia a dia vão se isolando como nunca.

O mundo capitalista, assediado por crises, defronta-se com inúmeras contradições. O sistema imperialista precipita-se aceleradamente para a bancarrota total. O imperialismo

ianque viveu dias muito difíceis no ano passado. A desastrosa derrota em sua guerra de agressão ao Vietname e os reveses sofridos por sua política agressiva em todas as partes intensificaram grandemente suas crises política e econômica. As contradições de classe no interior dos Estados Unidos aguçaram-se e as contradições no seio dos círculos governantes ianques fizeram-se mais profundas. A dominação da burguesia monopolista norte-americana tornou-se mais instável. Uma crise financeira, a mais grave do gênero no mundo capitalista nestes últimos quarenta anos, irrompeu na primavera de 1968. O dólar, já cambaleante, esteve a beira da derrocada e sua posição como "moeda internacional" foi abalada até os alicerces. A nova corrida ao ouro que teve lugar entre os países capitalistas, no mês de novembro, assestou outro golpe ao dólar. A hegemonia do imperialismo ianque no campo capitalista encontra-se em desintegração constante. Recebendo golpes implacáveis, os grupos do capital monopolista ianque, nas "eleições" presidenciais de 1968, recorreram a outro instrumento, o Partido Republicano, para substituir o Partido Democrata, que esteve no poder durante oito anos. Esta farsa, uma troca de cavalos no meio da corrida, demonstra que o imperialismo ianque se encontra sem reservas.

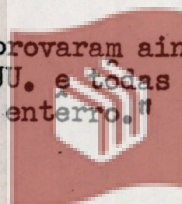
A situação dos demais países capitalistas não foi melhor. Sua economia, em geral, deteriorou-se. A produção industrial estagnou. O desemprego ascendeu drasticamente e uma densa nuvem de crise abateu-se sobre eles. Foram repetidamente fustigados pela tempestade da crise financeira. A posição da libra esterlina e do franco debilitou-se ainda mais. O sistema monetário capitalista em seu conjunto esteve a beira da bancarrota. Para safar-se da crise, a burguesia monopolista dos países da Europa Ocidental, tais como a Inglaterra, França e Itália, intensificou a exploração das massas trabalhadoras, agravando as contradições de classe em seus respectivos países. O ascenso dos movimentos revolucionários de massas nesses países também assestou repetidos e duros golpes as suas economias.

Não obstante, em consequência dos esforços por descarregar os próprios fracassos uns sobre os outros e a acirrada guerra monetária e comercial que se desenvolvia entre eles, os países imperialistas viram-se separados por uma divisão ainda maior. Tudo isto demonstra que o sistema imperialista, em seu conjunto, se precipita de forma acelerada para sua derrocada total.

A catadura socialimperialista do revisionismo soviético fica plenamente evidenciada. Acelera-se a desintegração do bloco revisionista contemporâneo. A camarilha renegada revisionista soviética passa por dias difíceis. Internamente, implantou com redobrados esforços o chamado "novo sistema econômico" para restaurar o capitalismo em todos os aspectos e intensificou a ditadura fascista, o que provocou descontentamento e resistência cada vez mais enérgicos das amplas massas do povo. No exterior, realizou de forma cada vez mais frenética e descarada seu conluio contra-revolucionário com o imperialismo ianque e os reacionários de todos os países. Tornou-se inimiga dos povos de todo o mundo e, portanto, ficou crescentemente isolada. Com sua agressão armada a Tchecoslováquia, em agosto de 1968 e sua insistência em submeter esse país a ocupação militar por longo prazo, os revisionistas soviéticos deixaram ver completamente seus ferozes traços socialimperialistas ante os povos do mundo e foram condenados energicamente por estes. A ação agressiva e arbitrária dos revisionistas soviéticos agravou a desintegração do bloco revisionista contemporâneo. Os revisionistas contemporâneos atacaram-se mutuamente e brigaram sem cessar. A sinistra reunião contra-revolucionária programada para ser realizada em novembro de 1968 teve que ser adiada. O revisionismo contemporâneo está em bancarrota total.

Subordinando-se ao imperialismo ianque e ao revisionismo soviético, os reacionários ocasionam desastres a seus países e a seus povos. Sua dominação reacionária está cambaleante e não durará muito tempo. Se é difícil a situação do imperialismo e do revisionismo soviético, é ainda pior a dos reacionários que a eles aderiram. Indira Gandhi, da Índia; Suharto, da Indonésia; a camarilha de Rahman e Lee Kuan Yew, da Maláia; Mobutu, do Congo (K) e Costa e Silva, do Brasil: todos estes reacionários estão em posição cambaleante que não durará muito. A raivosa repressão ao povo, no interior, e a venda dos interesses nacionais, em política externa, tornaram os povos mais pobres, saquearam as riquezas nacionais e provocaram descontentamento em toda parte. Passam seus dias cada vez com maior dificuldade.

Os fatos ocorridos no ano passado provaram ainda mais a justeza da tese científica do Presidente Mao: "O imperialismo dos EE.UU. e todas as demais camarilhas criaram já seus próprios coveiros: não está longe o dia do enterro."



Condições Favoráveis à Luta no Campo

Ante a ofensiva da ditadura militar contra as massas populares e sua campanha demagógica sobre a solução dos grandes problemas do país, o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil concita as forças democráticas e antiimperialistas para adotar formas de luta cada vez mais elevadas, recorrer ao caminho da guerra popular e "acender a chama da luta revolucionária no campo".

As condições existentes no interior do país são cada vez mais favoráveis ao cumprimento desse apelo.

A situação das massas camponesas tende a se agravar por causa da política da ditadura e em relação com a crise financeira conjugada com o início da colheita dos principais produtos agrícolas. Os preços desses produtos nesta safra já estão praticamente ao nível dos da safra 67/68, mesmo tendo o governo fixado preços mínimos mais altos. E, a medida que a colheita avançar, mais aviltados esses preços se tornarão. Os latifundiários e demais exploradores estão comprando a prazo a produção dos lavradores, inclusive os pequenos excedentes dos camponeses pobres e médios, o que coloca estes numa dependência ainda maior dos usurários e comerciantes exploradores. A circulação monetária nas zonas rurais é tão restrita que há regiões onde se torna difícil achar quem compre a dinheiro algumas arrobas de algodão ou alguns sacos de arroz em casca. A estiagem, na região centro-sul, que se repete pelo segundo ano consecutivo, levará a ruína milhares de camponeses médios e mesmo uma certa parcela de camponeses ricos, fará aumentar o desemprego entre os assalariados agrícolas e tornará ainda mais penosa a difícil vida de milhões de camponeses pobres sem terra ou com pouca terra. A medida demagógica do governo de São Paulo, isentando os produtores rurais do pagamento do ICM, pouco adianta: os maquinistas e atacadistas só compram os produtos descontando dos lavradores os 18% do ICM e do Fundo Rural.

Sob a ditadura militar, o aviltamento dos preços dos produtos agrícolas é maior do que nunca. Num protesto dado a público em julho de 1968, a Comissão Organizadora e o Conselho Agrícola Municipal de Taquarituba, SP, resolveram não realizar a 8ª Festa do Milho, principal produto da região, porque a "comissão, autoridades e lavradores não tem motivação" para realizá-la "quando sua situação econômica é crítica" e os "preços do milho... são inferiores aos da safra anterior e a de 1965/66, fazendo com que os lavradores empobrecem cada vez mais". Além disso, as relações de troca entre a agricultura e a indústria são acientuadamente desfavoráveis para o setor agrícola. Do ano agrícola de 1967/68 para o de 1968/69, por exemplo, as ferramentas agrícolas em geral tiveram seus preços elevados em mais de 100%; o vestuário em aproximadamente 80%; os inseticidas em mais de 120%; o querosene em 90%; o sal em 70% e os remédios em geral, em aproximadamente 100%. Os produtos alimentícios não produzidos diretamente pelos camponeses também tiveram seus preços bastante elevados: o café torrado, por exemplo, cujo preço é imposto pelos latifundiários e grupos monopolistas do comércio internacional, subiu em mais de 300% e deve alcançar a paridade com o preço do dólar; o açúcar subiu em aproximadamente 80%; o óleo vegetal em 125% e as massas alimentícias também praticamente dobraram de preço. Contrariamente a tais aumentos, os produtos agrícolas na fonte, se tomarmos o período atual em relação a 1968, não sofreram alterações substanciais: o arroz em casca não alcançou 20% de aumento e tende a descer a níveis inferiores; o feijão das águas só conseguiu uma elevação de 40% devido a grande queda na produção deste ano; quanto ao milho e outros produtos da safra deste ano, se bem não haja dados concretos, as perspectivas para os lavradores são sombrias.

Frente à crise em aprofundamento, o regime ditatorial amontoa planos e medidas salvadores de efeito puramente propagandístico para enganar as massas camponesas e que quase sempre serve para encobrir gastos nababescos, como aconteceu com a campanha do paiol de tela. Na realidade, a ditadura utiliza o velho método de, por um lado, reprimir com a maior violência o movimento reivindicatório dos camponeses e, por outro, fazer promessas em torno da reforma agrária. Voltou a entoar a velha cantilena de que é preciso resolver os problemas da estrutura agrária do país. Mas, o que pretende é levar avante seus projetos de modificação agrária pelo método da transformação dos latifundiários feudais em latifundiários aburguesados, sem tocar no monopólio da terra, antes, protegendo-o e consolidando-o. Por exemplo, segundo o IBC, os fazendeiros de café foram aquinhoados, durante os últimos anos, com 517 milhões de cruzeiros novos para a erradicação de cafeeiros improdutivos e diversificação de culturas. De acordo com declarações do Ministro da Agricultura, os latifun

diários receberam mais de 5 milhões e 300 mil cruzeiros novos por 130 mil hectares de terras inaproveitadas durante o triênio 66/68. Vultosos financiamentos, muitas vezes atingindo a casa de bilhões de cruzeiros novos, tem sido concedidos pelo governo aos grandes proprietários de terras e criadores de gado.

Essa política em benefício dos latifundiários é realizada à custa das grandes massas camponesas. Os impostos escorchantes constituem uma carga cada dia mais pesada sobre as costas dos camponeses. Em alguns Estados, o ICM foi elevado de 15 para 17%; os atacadistas e maquinistas descarregam sobre o produtor o pagamento do Fundo Rural (1%); os pequenos proprietários são obrigados a contrair dívidas para pagar o imposto territorial rural, o imposto sindical e o INDA. A máquina burocrática da ditadura procura arrancar o máximo dos camponeses pobres e médios, exigindo que paguem impostos relativos a todo e qualquer produto alienado, incluindo aves e animais domésticos, dos quais os lavradores só se desfaçam no caso de extrema necessidade.

Em consequência, cresce a indignação dos camponeses contra a ditadura militar. Manifestações e lutas de diversos tipos começam a despontar e a espalhar-se pelo campo. Embora dispersas, as massas camponesas passam a tomar consciência da terrível situação em que vivem e de que só lhes resta enveredar pelo caminho da luta vigorosa contra os latifundiários e a ditadura a seu serviço e pugnar pelo atendimento de seus reclamos.

Entre os camponeses deve ecoar, cada vez mais forte, o chamamento lançado pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil: "HOMENS DO CAMPO ! Levantai-vos para acabar com as injustiças, com o abandono em que vivem as populações do interior. Exigi melhores remunerações por vosso trabalho e fortalecei vossas entidades de classe. Reclamai preços compensadores pelos produtos agrícolas. Ocupai as glebas de que necessitais e resisti energeticamente às tentativas dos grileiros e jagunços para vos expulsar da terra. Pugnai pela reforma agrária. Não permiti que autoridades atrabiliárias vos espanquem, humilhem e roubem impunemente. Criai organizações para defender vossos interesses e formai grupos clandestinos armados para castigar os inimigos do povo. É preciso acender a chama da guerra revolucionária no campo."

Os principais inimigos do povo brasileiro, que ele terá de vencer na guerra popular, são os imperialistas norte-americanos e as forças reacionárias internas, entraves ao desenvolvimento da nação. Para manter seu domínio sobre o país, estes inimigos apoiam-se fundamentalmente nas Forças Armadas. Sem destruí-las completamente o povo não poderá livrar-se do jugo imperialista e do regime retrogrado do vigente no Brasil. Do ponto-de-vista militar, a guerra do povo terá que se defrontar com as atuais Forças Armadas e, posteriormente, com tropas norte-americanas que, inevitavelmente, virão em seu socorro.

As Forças Armadas estão, deste modo, em guerra contra o povo. No momento, sua função principal é reprimir as massas populares. Agem como se estivessem empenhadas em ações militares de envergadura.

A guerra popular derrotará as Forças Armadas. Mesmo que os generais conheçam os métodos da guerra popular e adestrem numerosas tropas para esmagá-la, eles não poderão vencê-la. Marcharão inexoravelmente pelo mesmo rumo de todos os reacionários: oprimir o povo, agredi-lo e ser por ele derrotados.

Trechos de "GUERRA POPULAR, O CAMINHO DA LUTA ARMADA NO BRASIL"

OUÇA DIARIAMENTE EM PORTUGUÊS:

Rádio Pequim	-	Das	17:00	às	18:00 h	-	Ondas Curtas	de	25	e	31	m
		Das	19:00	às	20:00 h	-	"	"	de	19,	25	e 31 m
		Das	21:00	às	22:00 h	-	"	"	de	19	e 25	m
Rádio Tirana	-	Das	18:30	às	19:00 h	-	"	"	de	25	e 31	m
		Das	20:30	às	21:00 h	-	"	"	de	31	e 42	m
		Das	22:00	às	22:30 h	-	"	"	de	31	e 42	m
		Das	23:00	às	23:30 h	-	"	"	de	31	e 42	m